

## Editorial

Sartre é um dos pensadores do século XX mais conhecidos do grande público. Sua obra filosófica, literária e política teve enorme repercussão, pondo em primeiro plano temas importantes para o homem contemporâneo.

Esta obra é expressão de um momento criador que envolve não apenas Sartre, mas todo um leque de autores significativos, dos quais destacaremos apenas alguns, seja porque influíram diretamente na constituição da filosofia de nosso pensador, seja porque conviveram com ele, estabelecendo diálogos ou oposições à sua reflexão.

Sartre viveu de 1905 a 1980. Na origem de sua filosofia, encontramos dois mestres que marcaram de modo irrecusável a meditação do século XX: Husserl (1859-1938) e Heidegger (1889-1976).

Husserl ofereceu a Sartre o método fenomenológico, cuja relevância para toda a filosofia existencial é amplamente reconhecida. O estágio de Sartre, entre 1933-1934, nos Arquivos Husserl em Berlim, sem dúvida possibilitou ao nosso pensador uma experiência altamente significativa, para toda sua obra ulterior.

O exame da analítica existencial do ser humano feita por Heidegger em *Ser e Tempo* (1922), mostra pontos de analogia entre o filósofo alemão e a temática sartreana de *O Ser e o nada* (1943). Não se trata, é preciso destacar, de uma analogia de posições filosóficas, mas de temáticas: a existência, a angústia, a temporalidade, a liberdade, o ser com os outros.

O existencialismo ateu, de Sartre, opõe-se radicalmente ao existencialismo cristão de Gabriel Marcel (1889-1973). A compreensão do significado do homem, embora aborde temas comuns, como os já citados, é diametralmente oposta: o divisor de águas é a negação, em Sartre, de qualquer Transcendente, encerrando o homem na finitude, cujo significado será encontrado no exercício da liberdade e da ação política.

Marcel e Emmanuel Mounier (1905-1950), o filósofo personalista, apresentam a face cristã do pensamento francês da primeira metade do século XX.

Mounier, como Sartre, engajado na ação política, buscando alternativas para a vida social do homem no entre-guerras, funda, para difundir uma perspectiva humanista, a revista *Esprit* (1932), pondo em primeiro plano a discussão sobre ética e sociedade.

O contraponto à atuação de Mounier, na obra de Sartre, foi dado pela fundação e participação deste na revista *Les temps Modernes* (1945), que expõe a segunda fase da obra do filósofo: seu engajamento político.

Um contemporâneo importante, menos conhecido do grande público, companheiro de Sartre na Escola Normal Superior de Paris e mais tarde colaborador da revista *Les temps Modernes* — cuja co-direção abandonou, depois, por divergências políticas com o amigo — é Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Sua obra talvez seja uma das mais originais contribuições da filosofia francesa do século XX. Adota posições filosóficas distintas das de Sartre, estabelecendo, no âmbito da análise do ser humano, um foco de atenção inteiramente novo: a

consideração do pré-reflexivo, da relação consciência-mundo prévia à oposição sujeito-objeto, aprofundando a meditação husserliana a respeito do *mundo da vida*. O engajamento e os debates no âmbito do político estão expressos na sua crítica ao marxismo da época, aos totalitarismos, em obras como *As Aventuras da Dialética e Humanismo e Terror*. Um tema comum em relação a Sartre: a reflexão sobre a liberdade. É uma das rupturas: o afastamento de ambos, em vista das diferentes posições políticas assumidas.

Deixamos deliberadamente de lado, no presente texto, as polêmicas e o diálogo entre o existencialismo sartreano e o marxismo da época, pois apesar da importância do tema, dada sua amplitude, pensamos que merece um estudo à parte. Ativemo-nos a autores vinculados às escolas fenomenológica e hermenêutica, na certeza de termos apontado a coexistência, no tempo, de alguns dos mais expressivos pensadores franceses e indicado suas fontes comuns.

Convivendo com a fase dos estudos sartreanos sobre o imaginário, entre 1934 e 1939, e com os seus textos literários e de teatro, que se desencadeiam a partir de então, encontramos a obra poética de Bachelard, (1884-1962), que desde 1938 até sua morte desdobrou-se em contraponto à reflexão sobre a ciência. Esta última influenciou profundamente em Georges Canguilhem (1904), contemporâneo de Sartre na Escola Normal Superior, em Paris, ao lado de Merleau-Ponty e Raymond Aron (1905-1983). Em 1955, Canguilhem sucedeu Bachelard na Sorbone.

Bachelard atribuiu, na pluralidade de métodos que utilizou, um lugar importante ao método fenomenológico, ao propor uma fenomenologia do imaginário e uma epistemologia da razão aberta.

Vinculado a Mounier, um importante colaborador da revista *Esprit*: Paul Ricoeur (1916-2005). Tributário da escola fenomenológica, tradutor de Husserl e estudioso de Heidegger, é uma das vozes mais significativas da filosofia francesa do século XX. Dono de uma espantosa erudição, caracterizou-se pelo diálogo com diferentes correntes e, raridade na filosofia francesa da época, também esteve atento ao pensamento anglo-saxão. Sua obra, marcada pelas preocupações éticas, antropológicas e políticas, expressa o encontro da fenomenologia e da hermenêutica. Recupera a reflexão sobre a transcendência e o sagrado, em textos monumentais, como *A Simbólica do Mal e Tempo e narrativa*. Inscreve-se na linhagem da filosofia de inspiração cristã, tendo sido, como dissemos, amigo e colaborador de Mounier e conhecedor da obra de Marcel, à qual dedicou seus primeiros escritos.

Os trabalhos de Ricoeur ampliam consideravelmente, no entanto, as perspectivas de Marcel e Mounier, situando-o como um dos maiores representantes da escola hermenêutica.

Na qualidade de “opositor dialogante”, é um dos mais poderosos contrapontos à filosofia de Sartre, pelas sínteses superadoras que alcançou realizar.

O tempo em que Sartre viveu foi uma época de efervescência, de polêmicas, de debates sobre o valor do homem, da vida criadora, tornando a França do século XX um ponto focal da cultura e da liberdade, da civilização contra a barbárie.

Na filosofia contemporânea, diferentes autores abordam a noção de pessoa como ponto focal da ética. Apresentamos algumas das abordagens, a partir da consideração do tema na História da Filosofia e no pensamento contemporâneo.

**A Redação**

## Editorial

Sartre is one of the best known thinkers of the XX<sup>th</sup> century, among the public. His philosophical, literary and political work had great repercussion, giving priority to important issues to contemporary man.

This present work is an expression of a creative moment, involving not just Sartre, but also a whole range of significant authors, from which we will mention only a few, whether because they directly influenced the constitution of Sartre's thought, or because they were somehow close to him, setting dialogues or oppositions to his reflection.

Sartre lived from 1905 to 1980. In the bottom of his philosophy, there were two real masters that shaped undeniably XX<sup>th</sup> century thought: Husserl (1859-1938) and Heidegger (1889-1976).

Husserl granted Sartre with the phenomenological method, which relevance to existential philosophy is widely known. Sartre's apprenticeship at the Husserl Archives in Berlin has surely provided him a highly experience, meaningful to all his posterior work.

Heidegger's examination of the human being existential analytics, in *Being and Time* (1922), shows some points of analogy between this German philosopher and the Sartrean thematic held in *Being and Nothingness* (1943). However, it is not analogy of philosophical positions, but of thematic issues: existence, anguish, temporality, liberty, being among others.

Sartre's atheist existentialism opposes radically to the Christian existentialism of Gabriel Marcel (1889-1973). Although they reach common topics, like the mentioned ones, their respective comprehensions of the meaning of the human being are diametrically opposed: the front line is the denial, by Sartre, of any kind of Transcendent, confining man in the Endingness, which meaning will be found in the exercise of freedom and political action.

Marcel and Emmanuel Mounier (1905-1950), the personalist philosopher, present the Christian face of French thought, in the first half of the last century. Mounier – who was, as well as Sartre, engaged in political action, looking for alternatives to social life in the years between Wars – founds the review *Esprit* (1932), in order to spread a human perspective, bringing to first place the discussion over ethics and society.

Correspondingly, Sartre founds the review *Les Temps Modernes* (1945), which exposes the second phase of his works: his political engagement.

An important contemporary person, less known to great public, Sartre's colleague at *École Normale Supérieure* of Paris and later on, a contributor of *Les Temps Modernes* – which co-direction once abandoned due to political disagreement with his friend – is Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). His works might be one of the most original contributions to French philosophy in the XX<sup>th</sup> century. Adopting different philosophical positions

from Sartre's, he establishes, in the extent of human being analysis, an entirely new target: the consideration over the pre-reflexive, over the relation conscience-world prior to the opposition subject-object, developing Husserlian meditation on *world of life*. His political engagement and debates on the subject are expressed in his critics to Marxism, at the time, as well as to totalitarianisms, in works such as *The adventures of Dialectics* and *Humanism and Terror*. A common issue with Sartre: the reflection on freedom. And one of the breakages: their separation due to political dissensions.

We let apart, deliberately, in this present text, the polemics and the dialogue between Sartrean existentialism and its contemporary Marxism, nonetheless its relevance, considering its amplitude, which may figure in a distinct study effort. Instead of that, we kept with the authors bounded to phenomenological and to hermeneutics schools, assuming we did point out the coexistence, in time, of some of the most expressive French thinkers and indicated their common sources.

In this terms, sharing the same period with Sartre's studies on the imaginary, from 1934 to 1939, and also with his literary and scenic texts, that come to pass after that, we find Bachelard's poetic works, (1884-1962), who dedicated himself, since 1938 till his death, to this matter in contrast with his reflection on science. This latter one influenced profoundly George Canguilhem (1904), his contemporary at *École Normale Supérieure*, in Paris, along with Merleau-Ponty and Raymond Aron (1905-1983). In 1955, Canguilhem succeeded Bachelard at Sorbonne.

Bachelard had given an outstanding place, in the multiplicity of methods that he used, to the phenomenological one, by proposing a phenomenology of the imaginary and an epistemology of open reason.

Bonded to Mounier, there was a important contributor to the review *Esprit*: Paul Ricoeur (1916-2005). Debtor to the phenomenological school, translator of Husserl and reader of Heidegger, he is one of the most significant voices in French philosophy of the last century. Endowed with great erudition, he is recognized by sustaining a dialogue with different branches and, as an exception in French philosophy at the time, he also paid attention to English thought. His work, full of ethical, anthropological and political concerns, expresses the meeting of phenomenology and hermeneutics. It recovers the reflection about the transcendent and the sacred, within monumental texts, such as *The Symbolic of Evil* and *Time and Narrative*. Ricoeur figures into the Christian philosophy tradition, being friend and collaborator to Mounier, as mentioned, and an expert in Marcel thought, to which he devoted his first writings.

Nevertheless, Ricoeur's works enlarge considerably both Marcel and Mounier's perspectives, placing him as one of the greatest names of the hermeneutic school.

In his character as "dialoguing opposer", he is one of the most powerful alternatives to Sartre's philosophy, in regard to the overcoming syntheses that he accomplished.

Sartre's age was a time of commotion, of polemics, of debates about the value of man, about the creative life, turning XX<sup>th</sup> century France a focus of culture and liberty, of civilization against barbarism.

In contemporary philosophy, different authors deal with the notion of person as the target of Ethics. We have presented some of these approaches, considering the subject inside the History of Philosophy as well as in today's thought.

**Editorial Staff**